

A NATAÇÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS ACADEMIAS DE BAURU

THE SWIMMING AND THE PROCESS INCLUSION OF PEOPLE WITH DISABILITIES IN THE ACADEMIES OF BAURU

Rachel Bichusky

Milton Vieira do Prado Junior

Faculdade de Ciências - UNESP - Bauru

RESUMO: A natação é uma das atividades mais indicadas para a estimulação das Pessoas com Deficiência (PCD), quer seja pela liberdade de ação corporal para aquelas que possuem limitação motora, como também, pela necessidade de descoberta, adaptação corporal no meio aquático. Desta forma, nas academias que desenvolvem esta atividade é esperado encontrarmos PCD inseridas nas aulas. O objetivo deste estudo foi verificar se o processo de inclusão está ocorrendo nas academias de natação da cidade de Bauru-SP. Foi desenvolvida uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo e de cunho exploratório, onde foram inicialmente contatadas as academias que ensinavam natação e aquelas que se dispuseram a participar da pesquisa, num total de 10 academias. Verificamos que, de um total de 3105 pessoas inscritas nas aulas de natação nas academias apenas 19 eram PCD, ou seja, 0,61%. Embora o processo de inclusão seja encontrado nas academias de natação, este é muito limitado.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoas com Deficiência. Natação. Inclusão. Academias de Natação.

ABSTRACT: The swimming is one of the most suitable activities for the stimulation of People with Disabilities (PWD), we want it is for the freedom of corporal action for those that possess motive limitation, as well as, for the discovery need, corporal adaptation in the aquatic way. This way, in the academies that develop this activity it is waited we find PWD inserted in the classes. The objective of this study was to verify the inclusion process it is happening in the academies of swimming of the city of Bauru-SP. A field research was developed, of qualitative character and of exploratory stamp, where they were contacted the academies that taught swimming initially and those that they were disposed to participate in the research, in a total of 10 academies. We verified that, of a total of 3105 people enrolled in the swimming classes in the academies 19 they were only PWD, in other words, 0,61%. Although the inclusion process is found in the swimming academies, this is very limited.

KEYWORDS: People with Disabilities. Swimming. Inclusion. Academies of Swimming.

INTRODUÇÃO

Ao analisar os ambientes de prática de atividade física quer seja nas escolas, como também nas academias e instituições especializadas em alguma modalidade esportiva, encontramos a Pessoa Com Deficiência (PCD) integrada e interessada nos benefícios da prática motora para seu desenvolvimento. Assim os profissionais necessitam entender o processo de inclusão da PCD no dia-a-dia de sua prática em diferentes instituições.

Segundo Prado Jr., et al (2007), a prática regular de atividade física é fundamental para a PCD. Porém, há a necessidade de ter conhecimento sobre as características dos diferentes tipos de deficiências, suas limitações e potencialidades. Para Tsutsumi et al. (2004), a cada dia, um número maior de pessoas com algum tipo de deficiência física está envolvida em atividades físicas e esportes devido aos benefícios que eles trazem para a reabilitação e para o bem-estar. A exclusão desses indivíduos da prática de atividade física ou do esporte pode levar a diminuição da aptidão física, da eficiência dos movimentos ou mesmo do desenvolvimento de habilidades motoras.

As atividades aquáticas são uma das modalidades mais procuradas para esta prática. A natação é a atividade mais popular e mais antiga. (Catteau & Garoff, 1990)

Nos últimos anos, muito se tem falado, muito se tem escrito sobre os efeitos benéficos das atividades na água para pessoa portadora de deficiência. A natação para pessoas portadoras de deficiência é compreendida como a capacidade do indivíduo para dominar o elemento água, deslocando-se de forma independente e segura sob e sobre a água utilizando, para isto, toda sua capacidade funcional, residual e respeitando suas limitações (Grasseli & Paula, 2002).

Segundo Tsutsumi et al. (2004), a natação é um dos esportes mais apropriados para indivíduos com algum tipo de deficiência física, devido aos benefícios e às facilidades proporcionados pela execução de movimentos com o corpo imerso na água. A natação desenvolve coordenação, condicionamento aeróbico, reduz a espasticidade, e resulta em menos fadiga que outras atividades. Para pessoas com deficiência, a natação tem valor terapêutico, recreativo e social. Além disso, traz grandes contribuições para o processo de reabilitação e pode reduzir o grau de fraqueza e de complicações.

Para Keberj (2002), a natação auxilia tanto a pessoa com deficiência como para aqueles que sofreram algum tipo de intervenção cirúrgica, ou seja, a prática deve ser considerada como terapêutica. Ela melhora a circulação, a ação cardíaca, o tônus muscular, os movimentos das articulações e restabelece a autoconfiança.

De acordo com uma pesquisa realizada por Prado Jr et al (2004) a inclusão da natação na rotina do portador de deficiência além de ser um novo contexto de estimulação em busca de autonomia, gera também, motivação e aprendizagem dos participantes. Além disso, a consolidação dessa atividade no dia-a-dia de uma instituição somente se define quando essa ação é pensada e planejada para todos.

Para Ribeiro et al. (2007) o desenvolvimento psicomotor é fundamental para crianças para conseguir o controle corporal e eficiência na sua relação com o meio ambiente. Isso torna mais importante quando se trata de crianças com deficiências. Segundo os autores, foi levando em consideração o trabalho psicomotor com crianças com deficiências que o programa PROESA da Universidade Univille de Joinville, SC, realiza esportes adaptados para a comunidade da cidade, incluindo atividades aquáticas. Ao final as crianças mostraram significativas respostas em seu desenvolvimento motor e espacial, melhorando seus níveis de autonomia, e em alguns casos foram encaminhados para a natação competitiva.

Vasconcelos e Mandarino (2005) realizaram um trabalho que tinha como objetivo investigar a prática proporcionada pela natação em um jovem com paralisia cerebral do tipo diplegia espástica, decorrente de anóxia neonatal. Na análise do jovem, foram encontrados uma melhora significativa na sua marcha, na diminuição de sua espasticidade, na sua autonomia e interação com professor dentro da piscina, revelando um ganho significativo nas suas atividades de vida diária e independência pessoal, claramente demonstrado pelos pais do jovem. Foi possível concluir que a natação é um componente importante para o desenvolvimento da criança portadora de paralisia cerebral.

Garcia e Nabeiro (2007) estudaram uma garota de 22 anos de idade que também tinha paralisia cerebral, desenvolvendo habilidades motoras da natação como respiração, flutuação, movimentos de braços e pernas, e explorar os potenciais da aluna. O programa durou 4 meses. Após 4 meses, a aluna passou a demonstrar melhor desempenho nos movimentos das pernas, mais controle e maior amplitude nas braçadas, melhora na flutuação e submersão. O que resultou em maior independência da aluna na água.

O estudo de Garcia e Nabeiro (2007) nos mostra que é possível haver progressos e aprendizado da natação para pessoas com paralisia cerebral, desde que tenha persistência e continuidade. Laranjeira (2005) pôde constatar alterações nos aspectos cognitivos tais como uma melhora no poder de concentração e raciocínio das crianças com paralisia cerebral.

Branquinho et al. (2007) descreveram um trabalho realizado com um jovem estudante de 22 que apresentava quadriplegia, locomoção através de cadeira de rodas, com espasmos frequentes e escoliose para a direita. O trabalho foi feito através da natação se utilizando da metodologia baseada nos pressupostos de Catteau e Garoff (1990). Ao final da participação, os autores observaram melhora na respiração, na flutuação, controle postural e melhora nos movimentos das pernas.

Em seu trabalho de monografia, Ballielo (1998) desenvolveu um programa de natação para pessoas com deficiência mental. Em seu programa houve a participação de um grupo de alunos. Para a pesquisadora, ficou evidente em seu trabalho que na água as pessoas deixam vir à tona suas manifestações emocionais alegria e satisfação ao conseguir executar as atividades motoras previstas na fase de adaptação ao meio líquido como: controle da respiração, flutuação e início da propulsão. Sem dúvida nenhuma é possível afirmar que a vivência dentro da piscina contribuiu para o desenvolvimento psicomotor para os participantes.

Garcez (2005) participou de um programa de atendimento para pessoas com deficiência mental na faculdade de Educação Física da UFU. Neste tempo de atividades, onde os objetivos eram estimular o desenvolvimento da motricidade, poder de concentração e socialização, a autora pôde perceber que 4 dos 7 alunos observados apresentaram melhoras nos aspectos técnicos da natação como: independência, respiração, nado sincronizado com o auxílio. Observou também que o grupo todo melhorou nos aspectos psicossociais (auto-confiança, auto-estima e sociabilização).

De acordo com uma pesquisa realizada por Prado Jr. et al. (2004) a inclusão da natação na rotina do portador de deficiência além de ser um novo contexto de estimulação em busca de autonomia, gera também, motivação e aprendizagem dos participantes. Além disso, a consolidação dessa atividade no dia-a-dia de uma instituição somente se define quando essa ação é pensada e planejada para todos.

Para os autores, ficou evidenciado após um período de prática regular da natação para usuários da Instituição SORRI-Bauru, que ocorreram mudanças de comportamento motor como: domínio da flutuação, respiração, propulsão no meio líquido, a coordenação dos movimentos dos estilos crawl e costas. Além disso, mudanças afetivas como: melhora da auto-estima, na relação sócio-afetiva dos usuários, e mudanças cognitivas melhorando o desempenho nas demais atividades da instituição SORRI. Fator determinante também, foi a participação de um usuário selecionado pela *Special Olympics*, nos jogos mundiais de verão na Irlanda, representando o Brasil na modalidade de natação, com a conquista de medalha e grande repercussão na imprensa local e nacional. Tais aspectos influenciaram a permanência da execução do projeto e da inclusão da atividade de natação na vida da PCD que freqüentava a instituição.

Para Keberj (2002), no caso da natação, é importante para os professores de natação compreender as deficiências de seus nadadores, de modo que estejam conscientes dos perigos, para oferecerem o máximo de apoio emocional, bem como físico, quando necessário. Desta forma, o processo pedagógico do ensino da natação será eficiente e possibilitará a PCD a dominar seu corpo e locomover-se com segurança no meio líquido

Mas será que realmente a PCD está freqüentando as academias de natação? Se isto acontece, como vem ocorrendo este processo?

O objetivo principal deste trabalho foi verificar se existe a PCD matriculadas nas academias de natação de Bauru-SP, para descobrir se esse processo de inclusão vem efetivamente ocorrendo.

METODOLOGIA

TIPOS DE PESQUISA

A pesquisa aplicada para este trabalho foi a pesquisa de campo, exploratória, e teve a intenção de observar como está ocorrendo o processo de inclusão da pessoa com deficiência nas aulas de natação.

AMOSTRA

- Foram contatadas todas as academias de natação da cidade de Bauru e obtivemos retorno de apenas 10 dessas academias.

PROCEDIMENTOS

CONTATO INICIAL:

Este primeiro contato foi através de ligações e agendamentos de entrevista. No segundo contato com os coordenadores já nas academias foram realizadas entrega de ofícios e diálogo com os proprietários e/ou responsáveis pelas academias, solicitando permissão para realizar a pesquisa.

COLETA DE DADOS

Foi realizado através do levantamento nos cadastros e em alguns casos através da própria entrevista com os coordenadores. Visamos identificar a existência da PCD matriculada nas atividades desenvolvidas pela academia – natação, hidroginástica, hidroterapia, entre outras. Além disso, buscamos traçar o perfil da PCD que freqüentava essas academias de natação: qual sua deficiência.

Depois do primeiro contato através do telefone, marcamos um dia para a realização de entrevistas semi-estruturadas com os coordenadores da piscina das academias.

Assim, no contato com os coordenadores as perguntas básicas foram, qual era o número de pessoas matriculadas, quantas eram PCD e se existe a PCD qual era a deficiência.

ANÁLISE DOS RESULTADOS:

Os levantamentos de dados foram organizados através da estatística descritiva: freqüência de ocorrência e percentuais. E na análise qualitativa da entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Retomando o objetivo do trabalho, a intenção principal deste estudo foi verificar se existia ou não nas academias de natação da cidade de Bauru, a PCD matriculada e qual era esta proporção.

Foram entrevistados 9 coordenadores e 1 professor que se responsabilizou em responder como coordenador, visto que nesta academia não havia um coordenador específico na piscina. No Quadro 1 verificamos a relação entre o número de matriculados nas aulas de natação e ou hidroginástica e o número de PCD incluídas.

Academias	Alunos Total	Alunos PCD
A	200	3 (1,5%)
B	200	1 (0,5%)
C	350	0
D	647	0
E	198	3 (1,51%)
F	18	0
G	350	3 (0,85%)
H	280	2 (0,71%)
I	442	5 (1,13%)
J	420	2 (0,47%)
TOTAL	3105	19 (0,61%)

Figura 1. Proporção: Alunos total x Alunos com deficiências.

A figura a seguir (Figura 2) nos mostra em porcentagens quantas academias possuem pessoas com deficiência matriculadas nas atividades aquáticas.

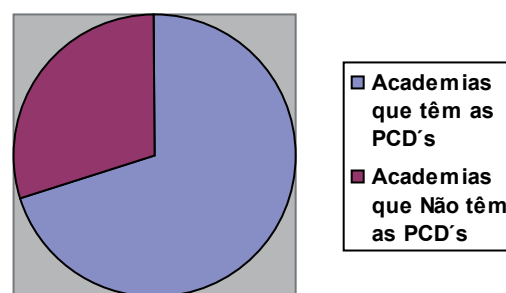


Figura 2. Porcentagens das academias estudadas que possuem as PCD's

Entre as academias estudadas, 7 (sete) delas apresentam pessoas com deficiência matriculadas, ou seja, 70% delas possuem a PCD matriculada nas atividades regulares. É até um fato surpreendente que apenas 30% não possuam alunos com deficiência em suas aulas de atividades aquáticas.

O total de alunos com deficiência matriculados nas 10 academias é de 19 indivíduos, ou seja uma média de 2,7 alunos por academia. Se levarmos em consideração que em média as academias entre as atividades de hidroginástica e natação possuem cerca de 100 alunos inscritos, devido às diferentes estruturas (tamanho da piscina, por exemplo) o percentual de pessoas com deficiência em relação a pessoas consideradas “normais” ainda é muito baixo (Figura 3). Por isso a inclusão da natação na vida da PCD ainda não é comum, ocorre principalmente de forma individualizada ou em projetos específicos, como no caso dos Usuários da Sorri-Bauru conforme relata Prado Jr. et al., 2004.

Embora conforme nos alerta Grasseli e Paula (2002) a atividade aquática satisfaz as necessidades do deficiente, especialmente a necessidade de “ação”, por isso ela deve ser vista como fator de desenvolvimento, tanto fisiológico, quanto psicossocial e cognitivo.

Isto vem reafirmar Nabeiro et al. (2006) que descrevem que o processo de inclusão é incipiente no Brasil. Campos (2006)

argumenta que o processo de inclusão é recente e necessita ser ampliado em todos os lugares vivenciados pela PCD. Além disso, esta realidade encontrada contradiz o que afirma Cerignoni (2006) que a inclusão é de responsabilidade de todos e é dever ético e moral promover a equiparação das oportunidades.

Mudar esta realidade parece ser fundamental para Tsutsumi et. al. (2004), Prado Jr. et al. (2004), Damasceno (1992) que demonstram que a prática motora é fundamental para a PCD, em especial a prática das atividades aquáticas. Isto porque a maioria das academias priorizam a aprendizagem e a performance, e não o trabalho com deficiente.

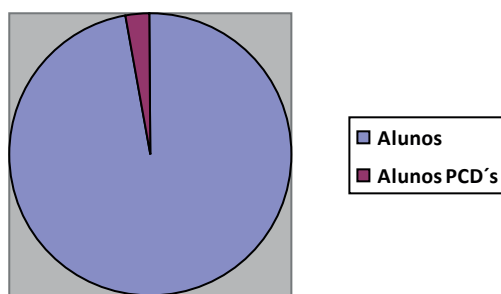


Figura 3. Média de alunos PCD's por academia

Quando analisamos o tipo de deficiências (Figura 4), verificamos que há 47% autistas; 22% com síndrome de down; 5% com paralisia cerebral; 15% com deficiência mental leve; e 11% de deficientes auditivos. Dentre eles, apenas 1 (um) aluno estava inserido na aula de hidroterapia, os demais eram alunos matriculados nas aulas de adaptação ao meio líquido e ensino dos estilos(natação).

Tais resultados demonstram que o profissional que atua com a natação deverá conhecer as características dos tipos de deficiência visando adequar seu processo ensino-aprendizagem (Fregolente, et. al., 2005; Manso, 2003). Esta adequação deverá ocorrer desde a linguagem (por exemplo: com o deficiente auditivo, o uso de LIBRAS – linguagem brasileira de sinais); a utilização de equipamentos para a pessoa com deficiência física; criar um ambiente motivador e rico em estímulos para manter a atenção nas atividades para autismo e/ou deficiências mentais leves. Assim fica evidente a necessidade de aulas planejadas com atividades específicas, dentro das atividades comuns a todos no processo de ensino da natação.

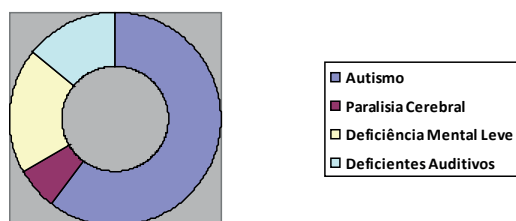


Figura 4. Porcentagens de deficiências encontradas

Segundo estudos de Prado Jr. et al. (2003), após um período de prática de natação, mudanças qualitativas ocorrem na vida da pessoa com deficiência, tais como: no comportamento motor:

grande melhora na postura, domínio da flutuação, respiração, propulsão no meio líquido, a coordenação dos movimentos dos estilos. Além disso, ocorrem mudanças afetivas como melhora da auto-estima, na relação sócio-afetiva dos usuários, e mudanças cognitivas melhorando o desempenho nas demais atividades vivenciadas pela pessoa com deficiência, não importando a priori qual tipo de deficiência possui.

Para Cerignoni (2006), é preciso entender que a inclusão social das pessoas com deficiência é responsabilidade de todos; por isso é dever ético e moral promover a equiparação de oportunidades – isto é, adaptar os sistemas da sociedade – o meio físico, a comunicação, o transporte público, os locais de cultura e lazer, os ambientes esportivos, etc. – para que estes fiquem disponíveis para todos; é dever também promover a acessibilidade – isto é, que todas as pessoas possam utilizar, com segurança e autonomia, de todos esses sistemas da sociedade.

Para Joaquim e Prado Jr. (2007), uma inclusão exige a aquisição de novos conhecimentos dos profissionais que atuam com a PCD, para que a tarefa seja bem-sucedida. Os alunos com deficiência obviamente têm necessidades especiais impostas pela limitação.

CONCLUSÃO

A partir do objetivo proposto verificamos um percentual muito baixo de Pessoas Com Deficiências nas academias de natação na cidade de Bauru-SP, demonstrando que ainda é necessário ampliar as oportunidades e promover ações inclusivas. Entre elas, a divulgação e incentivo a participação da PCD nas aulas regulares de natação.

É possível indicar, que as academias iniciam este processo de inclusão, porém, ainda valorizam a prática das pessoas “normais”. Não há uma política de incentivo para que a Pessoa com Deficiência considere o ambiente da academia como mais um espaço inclusivo. Isto ainda pode estar ocorrendo devido a falta de preparação do espaço físico e profissional que atua com nesta área, bem como, em alguns casos como preconceito.

Isto é confirmado quando nas respostas dos coordenadores e professores nos mostra pouco preparo para receber e propor atividades adequadas a esta pessoa com deficiência. Como também não estão se atualizando e com conhecimento limitado sobre a Educação Física Adaptada e natação para PCD.

Para finalizar, em busca do processo inclusivo, devemos estimular mais estudos sobre esta realidade nas academias de natação, acompanhando por um tempo maior esta prática, avaliando as mudanças e adequando o ambiente de ensino. Assim, conseguiremos o mais rapidamente efetivar o processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

- Balliello, D.A.D. (1988). *Água...possibilidade de desenvolvimento*. Bauru: UNESP, 1998
- Branquinho, R. et al. (2007). Inclusive Swimming: Searching for Autonomy. [Resumo]. In: International Symposium Of Adapted Physical Activity - ISAPA BRAZIL. (Org.), *Book of proceedings*. 12(Supplement), 392.
- Campos, M. P. (2006). A (im)possibilidade das pessoas com deficiência: uma discussão acerca das terminologias e dos conceitos. *UNIrevista*, Canoas, 1(2). 2006. Disponível em:

- <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Campos.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2007.
- Catteau, R. & Garoff, G. (1990). *O ensino da natação*. 3. ed. São Paulo: Manole.
- Cerignoni, F. N. (2006). *Mudanças de atitude e inclusão da pessoa com deficiência*. Cnbb, Piracicaba. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/documento_geral/ARTIGO CF2006.doc>. Acesso em: 30 de outubro de 2007.
- Damasceno, L. G. (1992). *Natação, psicomotricidade e desenvolvimento*. Brasília: Secretaria dos Desportos da Presidência da República.
- Fregolente, G., Prado, J. R., Garavello, P. J. & Joaquim, E. R. (2005). A relação professor-aluno no processo de aprendizagem da natação da pessoa com deficiência. Trabalho apresentado no VI Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (Anais), Rio Claro, SP.
- Garcez, A. A. (2005). A contribuição da natação para pessoas com deficiência mental. *Revista da Sobama*. 10(suplemento) 64.
- Garcia, V.D; Nabeiro, M. (2002). Cerebral Palsy and Swimming: An Experiential Report. [Resumo]. In: International Symposium Of Adapted Physical Activity - ISAPA BRAZIL. (Org.), *Book of proceedings*. 12(Supplement), 419.
- Grasseli, S.M. & PAULA, A.H. (2002). Aspectos teóricos da atividade aquática para deficientes. *Revista Digital*: Buenos Aires. 8(53).
- Joaquim, E.R. & Prado JR, M.V. (2007). Analysis of Motor Performance in People With Disabilities [Resumo]. In: International Symposium Of Adapted Physical Activity - ISAPA BRAZIL. (Org.), *Book of proceedings*. 12(Supplement), 323.
- Keberj, F. C. (2002). *Natação algo mais que 4 nadados*. Barueri: Manole.
- Laranjeira, A.L.G. (2005). Natação no desenvolvimento de crianças com paralisia cerebral. *Revista da Sobama*. 10(suplemento), 129.
- Manso, M. M. L. (2003). *Natação para pessoas portadoras de deficiência: As adaptações metodológicas necessárias no processo de ensino aprendizagem de acordo com a deficiência de cada participante*. Monografia, UNESP, Bauru, SP.
- Nabeiro, M. et al. (2006). Aprendendo com o corpo d'eficiente. In: CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 3, 2005, Águas de Lindóia. *Rev. Ciênc. Ext.* 2(suplemento), 37-38.
- Prado, J. R. & Antunes, R.C.F.S. (2003). Aplicação do Programa de Educação Física nos Dois Primeiros Ciclos do Ensino Fundamental de acordo com o PCN. (pp. 88-101). Núcleo de Ensino, UNESP, São Paulo.
- Prado, J. R. et al. (2004). Natação e a pessoa portadora de deficiência: motivação e aprendizagem. *Revista ciência em extensão*. Bauru. (1), 213.
- Prado, J.R. et al. (2007). Learning how to swim and changes of anthropometric characteristics of people with disabilities. In: International Symposium of Adapted Physical Activity, 16, Brasil. *Journal of the Brazilian Society of Adapted Motor Activity*, Brasil, 12(1), 316.
- Ribeiro, S.M, Blind, E. Z, Pacheco, (2007). Psychomotor Development of Children with Disabilities Using Aquatics Psychomotricity. In: International Symposium Of Adapted Physical Activity- ISAPA Brazil, 16,. *Book of proceedings*. 12(Supplement), 392.
- Tsutsumi, O. et al. (2004). Os Benefícios da natação adaptada em indivíduos com lesões neurológicas. *Revista Neurociências*, São Paulo. 12(2).
- Vasconcelos, E. P. & Mandarino. (2005). A prática da natação para um jovem portador de paralisia cerebral: Um estudo descritivo observacional. *Revista da Sobama*, 10(suplemento), 159.

NOTAS SOBRE OS AUTORES

RACHEL BICHUSKY

UNESP Bauru - LAPEF/Departamento de Educação Física - Faculdade de Ciências
- bichusky@bauru.unesp.br

MILTON VIEIRA DO PRADO JÚNIOR

UNESP Bauru - LAPEF/Departamento de Educação Física - Faculdade de Ciências
- mvpj@fc.unesp.br

Manuscrito recebido em junho de 2013

Manuscrito aceito em junho 2013

